

**Sobre as construções com *tough movement* do Inglês<sup>1</sup>**

---

**On English tough-movement constructions**

---

**Irenilza OLIVEIRA e OLIVEIRA\***

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (BRASIL)

**RESUMO**

Neste trabalho, apresento uma análise para construções com *tough-movement* do inglês. Tomando como evidência as propriedades semânticas e sintáticas internas ao predicado encaixado e a relação sintática que se estabelece entre este predicado e o núcleo da oração mais alta, mostro que sentenças como *John is easy to please* e *John is easy to convince Mary to visit* possuem estruturas sintáticas diferentes no que tange ao complemento infinitivo do predicado *tough*.

**PALAVRAS-CHAVE**

Língua Inglesa. Movimento Sintático. Predicado *Tough*. Sintaxe Gerativa.

---

<sup>1</sup> FAPESP, processo n.º 2006/00965-2. Agradeço a Jairo Nunes pelos valiosos comentários sobre as principais idéias discutidas nesse texto. Agradeço também ao parecerista ao qual esse artigo foi submetido pelas relevantes contribuições para o melhoramento do trabalho. Eventuais falhas que ainda restarem são de minha inteira responsabilidade.

\*Sobre a autora ver página 131.

**ABSTRACT**

*In this work, I analyze English tough-movement constructions. Based on semantic and syntactic properties of these constructions and on the grammatical relationship between the infinitival complement and the tough predicate, I argue that sentences like John is easy to please and John is easy to convince Mary to visit have different syntactic derivations.*

**KEYWORDS**

*English. Syntactic Movement. Tough Predicate. Generative Syntax.*

**1 Introdução**

Neste trabalho, apresento uma análise para construções com predicado *tough* do inglês dos tipos apresentados em (1) e (2), com base nos pressupostos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2000) e da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993).

- (1) a. John is easy to convince.  
b. The problem was tough to deal with.
- (2) a. John is easy to convince Bill that he should meet.  
b. John is easy to convince Bill to do business with.

As análises apresentadas para explicar a estrutura das sentenças com predicado *tough* como (1) e (2) têm sido baseadas ou na geração de um elemento nulo na posição que se vê vazia posterior ao verbo da oração mais encaixada (CHOMSKY, 1977, 1981; HICKS, 2003, entre outros) ou no içamento do DP desde a posição pós-verbal do predicado encaixado até o especificador do TP da matriz (e.g. BAYER, 1990 e HORNSTEIN, 2001). No entanto, ao propor uma única explicação sintática para essas construções, essas propostas não capturam algumas propriedades sintáticas e/ou semânticas de cada construção considerada isoladamente.

Assim, o objetivo aqui será verificar como a sintaxe mapeia a relação semântica existente entre a posição interna ao predicado encaixado e

a posição de sujeito da sentença matriz. Mais especificamente, este trabalho pretende mostrar (i) quais passos derivacionais estão envolvidos na derivação de sentenças como essas em (1) e se essas operações sintáticas são distintas das que resultam em sentenças como (2); (ii) as relações temáticas estabelecidas entre os predicados e argumentos dessas sentenças; e (iii) qual o tipo de categoria vazia nas posições pré-verbal e pós-verbal da oração subordinada dessas construções.

A hipótese é que as sentenças em (1) e (2) possuem estruturas sintáticas diferentes: as TCs (do inglês *Tough Constructions*) como (1) são construções de reestruturação, cuja oração infinitiva é formada pelos mesmos passos derivacionais requeridos para a formação de sentenças médias sem marcador medial, enquanto as TCs como (2) são derivadas de movimento-A barra do objeto lógico do verbo encaixado.

A análise para as TCs do inglês será baseada em dados já discutidos na literatura sobre esse tipo de construção, em dados de *corpora* de língua inglesa oficiais e em dados julgados quanto à sua gramaticalidade por falantes nativos dessa língua.

## 2 Diferenças entre as construções *tough*

Embora tenham sido geralmente analisadas como resultado de uma mesma estrutura sintática (cf. CHOMSKY, 1977, 1981; BAYER, 1990; HORNSTEIN, 2001; HICKS, 2003), as sentenças com predicado *tough* do tipo em (1) – TC I – e (2) – TC II – são diferentes no que concerne à grade argumental do verbo encaixado selecionado pelo adjetivo: enquanto as primeiras não admitem nenhum tipo de constituinte preenchendo a posição de argumento interno do verbo complemento do adjetivo *tough*, essas últimas apresentam um DP foneticamente realizado nessa posição.

Um outro fator que também distancia TC I e TC II é apresentado por Nanni (1980 apud ANDERSON, 2005). A autora mostra que movimento-wh do sintagma adjetival e estrutura exclamativa são

permitidos na TC I (3a-b), mas não na TC II (3c-d)<sup>2</sup>. Nanni explica a assimetria em (3), propondo que a derivação da TC I (que apresenta apenas uma oração infinitiva) envolve reestruturação lexical, enquanto a formação da TC II (que envolve mais de uma oração encaixada) deriva de um processo não lexical.

- (3) a. How easy to tease is John?  
 b. How easy to tease John is!  
 c. \*?How hard to convince Bill to marry was the girl?  
 d. \*?How hard to convince Bill to marry the girl was!

Para a autora, a TC I envolve a criação de um predicado adjetival complexo já que seus elementos (o adjetivo *tough* e o verbo infinitivo), uma vez combinados, apresentam comportamento de um predicado. Essa distinção entre esses dois tipos de TC explicaria o contraste em (3): assumindo que nas sentenças interrogativas-wh e exclamativas-wh do inglês a palavra-wh *pie-d-pipes* seu complemento na sua trajetória para SpecCP, a TC I (3a-b), formando um predicado complexo, poderia ocupar essa posição de complemento; enquanto a TC II (3c-d), que não deriva de uma reestruturação lexical, não poderia assumir essa posição. Como Nanni nota, somente a TC I pode aparecer em contextos sintáticos comumente ocupados por um adjetivo como (4a). Uma TC II não pode aparecer nesses ambientes (4b).

- (4) a. an easy to clean bath  
 b. \*an easy to ask Bill to clean bath

Uma terceira diferença entre as TCs I e as TCs II é que as TCs I conduzem a uma leitura de propriedade do sujeito da matriz (*individual level*) enquanto nas TCs II, essa interpretação não está disponível (*stage level*). Ou seja, enquanto a combinação de predicado *tough* mais oração infinitiva das TCs I resulta numa leitura *individual level*, expressando uma

<sup>2</sup> Segundo julgamento de falantes nativos, o movimento apenas do adjetivo *tough* resulta em sentenças muito agramaticais no inglês, conforme se vê em (i) abaixo.

(i) a. \*\* How hard was the girl to convince Bill to marry?  
 b. \*\* How hard the girl was to convince Bill to marry!

propriedade permanente e essencial do sujeito-tema, a formação de TCs II produz uma interpretação *stage level*, indicando uma característica temporária do sujeito-tema. Confira-se o contraste em (5).

- (5) a. John is tough to please = John has the property of being tough to please.  
 b. This book is easy to read = This book has the advantage of being easy to read.  
 c. John is easy to convince Mary to meet  $\neq$  John has the property of being easy to convince to meet Mary.  
 d. John is easy to convince Bill to tell Mary that Tom should meet  $\neq$  John has the property of being easy to convince Bill to tell Mary that Tom should meet.

Mais uma diferença entre as sentenças (1) e (2) é o fato de a oração encaixada das TCs I ter a sua especificação de tempo determinada pelo tempo da oração matriz (6a), enquanto a oração encaixada das TCs II é temporalmente independente da oração matriz. Segundo julgamento dos falantes consultados, as sentenças em (6b) são aceitáveis. Note-se que a expressão de tempo futuro que se percebe na oração encaixada (*by the next election/tomorrow*) é diferente do tempo presente especificado na oração matriz<sup>3</sup>.

- (6) a. \* These bureaucrats are tough to bribe by the next election.  
 b. John is tough to persuade Bill to visit tomorrow.

Além disso, embora os dois tipos de construções com o predicado *tough* sejam licenciados em inglês, algumas línguas licenciam o primeiro, mas não derivam o segundo tipo de construção.

Authier e Reed (2007) mostram que construções com predicado *tough* com mais de uma oração encaixada e com lacunas parasitas não são permitidas no francês (7a,b). De forma semelhante ao francês, o alemão também restringe a formação de TCs a contextos em que o movimento é estritamente local, não admitindo movimento longo (7c,d)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> No entanto, quando foram apresentadas TCs II em que o verbo matriz se encontrava no passado (i), todos os falantes consultados consideraram a estrutura agramatical.

(i) a. \*\*/\* John was easy to convince Bill to kill tonight.

b. \*\*/\* John was tough to persuade Bill to visit tomorrow.

<sup>4</sup> Exemplos atribuídos a Tibor Kiss. Essas sentenças foram apresentadas em uma correspondência eletrônica do autor para Claire Grover e Doug Arnold. Disponível em <http://hpsg.stanford.edu/hpsg-l/1994/0062.html>

- (7) a. \*Ce livre serait difficile à empêcher ta soeur de lire \_\_\_\_.  
 this book would-be difficult to to-prevent your sister of to-read  
 b. \*Ce climatiseur est emmerdant à nettoyer \_\_\_\_ sans démonter **PG** d'abord.  
 this AC is annoying to to-clean without to-take-apart first  
 c. Dieser Mann ist leicht zu schlagen.  
 This man is easy to beat.  
 d. \*Dieser Mann ist schwer fuer mich zu glauben, dass Claudia heiraten will.  
 This man is hard for me to believe that C. marry wants-to

No que tange a aspectos morfossintáticos, note-se que enquanto no inglês apenas a partícula de infinitivo *to* é utilizada para introduzir a oração encaixada, no francês a preposição que é usada para introduzir a oração encaixada nas TCs compatíveis com as sentenças em (1) do inglês é diferente da preposição que seria utilizada na segunda oração encaixada, caso fosse essa gramatical. Veja-se que em (8) a preposição que introduz a oração complemento do predicado *tough* é à (8-a) enquanto a preposição que antecede a segunda oração encaixada é de (cf. (7a), repetido em (8b)).

- (8) a. De tels ordres sont difficiles à obéir.  
 some such orders are difficult to to-obey  
 b. \*Ce livre serait difficile à empêcher ta soeur de lire.  
 this book would-be difficult to to-prevent your sister of to-read

Diante dessas diferenças, o que se percebe é que uma análise que considere sentenças como (1) e (2) como resultantes de uma mesma estrutura realmente não se mantém, uma vez que não conseguiria explicar o motivo de apenas um dos tipos licenciar determinados movimentos sintáticos e de algumas línguas só permitirem um dos tipos de sentenças. Ainda não explicaria a possibilidade de esses dois tipos de sentença com predicado *tough* serem morfologicamente diferentes. Assim, assumo que as sentenças apresentadas em (1) e (2) são derivadas por operações sintáticas diferentes, principalmente no que diz respeito à composição das categorias funcionais envolvidas no predicado oracional que complementa o adjetivo.

### 3 A sintaxe das construções *tough* complexas (TC II)

Chomsky (1977) explica a sintaxe das construções com *tough movement* em geral propondo o movimento de um elemento-wh da posição de objeto do verbo encaixado para o SpecCP da completiva e a geração de um DP na posição de sujeito da matriz. A partir daí, haveria uma regra de predicação que ligaria esse DP à cabeça dessa cadeia no SpecCP da oração encaixada (9)<sup>5</sup>.

(9) John<sub>i</sub> is easy (for us) [<sub>CP</sub> wh<sub>i</sub> [PRO to please *t*]]

Uma evidência trazida pelo autor de que as TCs são estruturas de movimento vem da agramaticalidade de (10), em que o movimento do sintagma-wh é bloqueado por haver fronteira de ilha de DP complexo no seu trajeto derivacional até o CP.

(10) \*John<sub>i</sub> is easy [<sub>CP</sub> wh<sub>i</sub> [PRO to describe to Bill [<sub>DP</sub> a plan to assassinate *t*]]]<sup>6</sup>.

Para Hornstein (2001), a relação temática que se observa entre o objeto da oração encaixada e o sujeito da matriz seria derivada do movimento do objeto da posição pós-verbal motivado pelo traço temático do adjetivo núcleo da oração matriz. Nessa proposta, o DP seria dotado de algum traço A'/WH que o habilitaria a ser promovido

<sup>5</sup> Conforme apontado por Lasnik e Uriagereka (1988), essa análise apresenta problemas relacionados à violação da Condição C uma vez que, com o movimento do sintagma-wh nulo, cria-se um vestígio desse sintagma na posição pós-verbal que terá como referente um constituinte em posição-A (SpecTP da matriz). Assim, assumindo-se que o vestígio de um operador é uma instância de expressão-R, essa categoria vazia não poderia ser ligada a um elemento em posição-A (SpecTP da matriz) sob pena de violar Condição C. Chomsky (1982) revê sua análise para as TCs, propondo que o adjetivo *tough* e a oração completiva formam um predicado complexo. A relação existente entre o sujeito da matriz e a categoria vazia pós-verbal passa a ser considerada como de antecedente e anáfora, porém sem pressupor movimento-A do DP *John* para SpecTP, mas postulando que, especialmente nesses casos, o DP é inserido diretamente nesta posição na Estrutura Superficial. A coreferência entre a lacuna pós-verbal e o DP *John* se daria através de co-indexação livre (p.312) e o DP receberia papel-θ nesse contexto. No entanto, conforme assinalam Lasnik e Uriagereka (op. cit.), essa proposta encontra problemas uma vez que a posição em que o DP *John* se encontra na sentença em (i) não é restrita a constituintes "simples como *John*, mas pode conter estruturas complexas que envolvem, inclusive, outras relações temáticas, como (ii).

(i) John is easy to please.

(ii) The claim that John saw Mary is hard to understand.

<sup>6</sup> Exemplo adaptado de Chomsky (1977), pp 102,104, respectivamente.

para uma posição mais alta na sintaxe.

Nessa perspectiva, Hornstein apresenta uma derivação para as TCs em que, tomando-se a sentença em (11) como exemplo, o DP *John* seria gerado na posição de argumento interno do verbo *please* e alçado até a posição de sujeito da oração matriz (12).

(11) John is easy to please.

(12) a. K = [<sub>IP</sub> *pro* to please John]

b. K = [<sub>CP</sub> John [<sub>IP</sub> *pro* to please John]]

c. L = [<sub>AP</sub> *tough*] K = [<sub>CP</sub> John [<sub>IP</sub> *pro* to please John]]

d. L = [<sub>AP</sub> John *tough*] K = [<sub>CP</sub> John [<sub>IP</sub> *pro* to please John]]

e. L = [<sub>IP</sub> *is* [<sub>AP</sub> John *tough*]] K = [<sub>CP</sub> John [<sub>IP</sub> *pro* to please John]]

f. L = [<sub>IP</sub> John *is* [<sub>AP</sub> John *tough*]] K = [<sub>CP</sub> John [<sub>IP</sub> *pro* to please John]]

g. M = [[<sub>IP</sub> John *is* [<sub>AP</sub> John *tough*]] [<sub>CP</sub> John [<sub>IP</sub> *pro* to please John]]]

A derivação em (12) é iniciada com a formação do IP da completiva (12a). Já tendo a posição de argumento interno preenchida pelo DP *John*, o verbo *please* apresenta como argumento externo uma categoria vazia pronominal *pro*<sup>7</sup>. Em seguida, o DP *John* é “promovido” para SpecCP motivado por traços-wh (12b). Em (12c), o adjetivo *tough* é selecionado da Numeração e inicia uma segunda estrutura. Tendo um papel temático a atribuir, o adjetivo atrai o DP *John*, que se move lateralmente para receber o papel temático do adjetivo (12d). Em (12e), a cópula é selecionada e concatenada à estrutura que contém o adjetivo e projeta o IP da matriz. O DP *John* se move para o SpecIP da matriz e checa traços não-interpretáveis (12f). Finalmente, em (12g), a oração infinitiva se adjuge ao IP.

Segundo o autor, sua proposta tem a virtude de explicar restrições sintáticas das TCs analisadas a partir da postulação de um operador-wh nulo, porém sem fazer uso deste tipo de recurso nem de nenhuma regra de predicação. Por exemplo, Hornstein explica a agramaticalidade de sentenças como (13a) a partir de uma representação sintática como (13b).

<sup>7</sup> A estipulação da natureza dessa categoria está vinculada à hipótese central do autor de que a categoria vazia na posição de sujeito de verbos não finitos seria, nas estruturas de controle obrigatório, uma cópia apagada de um DP que teria se movido para posições mais altas na sintaxe, enquanto nas estruturas de controle não-obrigatório seria um elemento pronominal nulo.



- (13) a. \*Which sonatas this violin is easy to play on  
 b. [CP which sonatas [IP [IP this violin is [AP this violin easy]]  
 [CP WH-this violin [IP pro to [play which sonatas on WH-this violin]]]]]]

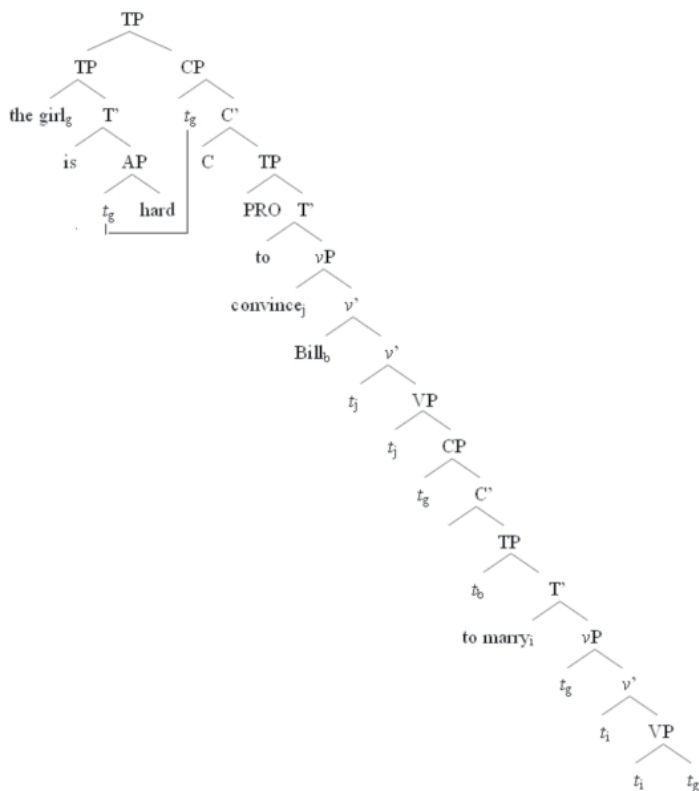
Para Hornstein, a violação da sentença em (13a) é de um grau bem mais forte do que se vê nos casos de violação de ilha-wh. Nessa sentença *Which sonatas* cruza duas barreiras ao ser movido do adjunto para o CP da matriz. Primeiro, o CP encaixado é uma barreira uma vez que não é  $\theta$ -marcado devido ao seu status de adjunto e, além disso, como ele está preenchido pelo sintagma *WH-this violin*, o que impede que *which sonatas* passe por essa posição, torna-se barreira por herança do IP adjunto. Segundo, o IP da matriz torna-se barreira por herança através do CP adjunto. Além disso, essa análise apresentada por Hornstein elimina o problema da análise de Chomsky relacionados à violação da Condição C (cf. nota 4) ao propor que o DP se move de uma posição temática até outra. Desta forma, a categoria vazia deixada na posição pós-verbal será uma cópia apagada do DP em Spec'IP.

O problema que foi observado por Hicks (2003) nessa análise é que ela estabelece que o DP checa os traços- $\theta$  do verbo da encaixada antes do movimento para o especificador de CP, mas nada é dito sobre como os traços- $\phi$  e de Caso do sistema verbal são checados; o DP entraria em checagem de traços- $\phi$  e de Caso com o T da matriz. Da forma como foi implementada, a derivação da sentença fracassaria, pois se assumindo as TCs como sentenças cujo sistema verbal apresenta traços formais completos (traços- $\phi$  e de Caso não-interpretáveis), seria enviado para *Spell-Out* um constituinte com traços não-interpretáveis ativos. Por outro lado, assumindo-se que o DP cheque os traços- $\phi$  e de Caso não-interpretáveis do sistema verbal, haveria violação de Movimento Impróprio uma vez que o DP se moveria para uma posição A-barra e depois para outra posição argumental.

No entanto, observa-se que essa proposta de Hornstein de que o objeto lógico do verbo encaixado que aparece na posição de especificador do T da oração matriz seria dotado de algum traço A'/WH

explica a sintaxe das TCs II, em que um DP lexical aparece na posição de argumento interno do primeiro verbo encaixado. Considerem-se a sentença em (14a) e sua estrutura sintática em (14b).

(14) a. The girl is hard to convince Bill to marry.



Veja-se que na derivação em (14b) o complemento oracional apresenta uma estrutura completa no que concerne à estrutura argumental dos predicados. O núcleo da oração infinitiva mais encaixada *marry* exibe como argumento interno o DP *the girl* e como argumento externo o DP *Bill*. Essa oração infinitiva, por sua vez funciona como complemento do verbo *convince* da primeira oração infinitiva subcategorizada pelo predicado *tough*. Esse verbo tem como seu argumento interno o mesmo

DP *Bill*, argumento externo do verbo *marry*. Percebe-se então que a estrutura em questão evidencia um contexto de controle de objeto. Quanto ao argumento externo do verbo *convince*, que apresenta referência arbitrária, assumirei que nesta posição se encontra um PRO, que teria seu traço de Caso (Caso nulo) valorado por um T[+tense] (cf. MARTIN, 1996; BOŠKOVIĆ, 1997).

Assim, na derivação aqui proposta, o DP *the girl* checa o papel- $\theta$  interno do verbo *marry* e, em seguida, se move para  $\nu$ P, cujo núcleo tem seu traço de Caso checado; o DP *Bill*, após checar papel- $\theta$  externo do verbo *marry*, é atraído para o SpecTP e checa o traço EPP do núcleo desse sintagma. No entanto, como o T infinitivo da encaixada é defectivo quanto aos seus traços formais, o DP ainda se move para o especificador do verbo leve do predicado mais alto, posição onde tem seu traço de Caso valorado como acusativo. A posição de argumento externo do predicado *convince* é saturada por um PRO que, após a projeção de T, se move para o SpecTP da oração infinitiva e checa o traço EPP de T. O DP *the girl*, motivado por seu traço A'/WH, se move para o SpecCP da oração encaixada. Neste ponto da derivação, um outro objeto sintático se inicia com a seleção do adjetivo. Motivado pelo traço de papel- $\theta$  deste predicado, o DP *the girl* se move lateralmente (cf. Nunes 1995, 2001) para se conectar ao adjetivo. Em seguida, T identifica os traços- $\phi$  do DP valora seus próprios traços- $\phi$ , checa seu traço de Caso e valora o traço de Caso do DP como nominativo. O DP se move para SpecTP e checa o traço EPP de T. Finalmente, o CP é adjungido ao TP.

A concordância que se verifica entre o T e o DP objeto lógico do verbo encaixado em TCs II como (14a) é uma questão que terei de deixar de lado neste trabalho. Esse problema também é encontrado nas análises para as sentenças com lacuna parasita baseadas em movimento lateral propostas por Nunes (2001, 2004) e por Hornstein (2001), não sendo então específico das TCs II. Assim, apenas para efeito de discussão, mesmo sem apresentar um motivo sintático que explique tal fato, assumirei que a Condição de Atividade proposta por Chomsky não se aplica nas relações de checagem estabelecidas por movimento

lateral. Se esta for a análise correta, o DP argumento interno de TCs II como (14a), quando é movido lateralmente para checar o papel- $\theta$  do predicado *tough*, ainda se encontra ativo para entrar em relação de checagem com o núcleo T da matriz, eliminando o seu próprio traço de Caso não-interpretável e os traços- $\phi$  não-interpretáveis de T.

#### **4 Semelhanças entre as construções *tough* simples (TC I) e as construções médias**

A proposta a ser desenvolvida neste trabalho defende as TCs I e as TCs II são derivadas a partir de operações sintáticas distintas e que na formação da sentença encaixada das TCs I estão envolvidos os mesmos passos derivacionais requeridos para a formação de construções médias (CM) sem marcador medial. Ou seja, assume-se que as TC I são derivadas do movimento-A do argumento interno para SpecTP devido à ausência dos núcleos responsáveis pela projeção do argumento externo e pela valoração do traço de Caso do argumento interno como acusativo.

Nessa perspectiva, nas seções seguintes serão comparados os principais aspectos sintáticos e semânticos dessas construções com as propriedades que determinam as TCs numa tentativa de se esclarecerem as semelhanças entre esses dois tipos de sentença e comprovar que as TCs, no que concerne às propriedades do predicado encaixado, são derivadas das mesmas operações sintáticas que resultam na formação das CMs. Porém antes serão apresentadas as propriedades das CMs.

##### **4.1 A sintaxe das construções médias**

As construções médias (CM) são caracterizadas como orações em que o DP que funciona como sujeito sintático é interpretado como objeto lógico do verbo (15). Consequentemente, não são aceitáveis CMs que não envolvam DPs tema do verbo, como é o Caso das sentenças

em (16), em que essa formação ocorre com verbos ECM (16a), com verbos de percepção e cópulas que selecionam uma mini-orção como complemento (16b,c) e com expressões idiomáticas (16d) (cf. ROBERTS, 1987, p. 190).

- (15) a. Bureaucrats bribe easily.
- b. Chickens kill quickly.
  
- (16) a. \*The theorem proves to be true easily.
- b. \*John sees singing easily.
- c. \*These problems consider easy at MIT.
- d. \*Advantages take of John easily.

A estrutura dessas sentenças também é bastante interessante por ter como núcleo do predicado um verbo transitivo, mas não apresentar um sujeito agente. Esse aspecto explica a incompatibilidade de CMs com advérbios voltados para o agente (17a) e com a adjunção de orações subordinadas de finalidade (17b) e de mini-orções (17c), cuja categoria vazia na posição de sujeito requer um antecedente na oração principal (cf. ROBERTS, 1987, p. 202).

- (17) a. ?? Bureaucrats bribe easily voluntarily.
- b. ?? Bureaucrats bribe easily to keep themselves happy.
- c. \* The floor waxes more easily naked.

Uma outra característica das CMs é o seu aspecto estativo. Sendo estativas, essas sentenças não são compatíveis com o modo imperativo (18a), com o tempo progressivo (18b), não funcionam como complemento de verbos de percepção (18c) e de controle do objeto (18d) e não podem ser clivadas (18e) (cf. ROBERTS, 1987:197).

- (18) a. \*Kill, chicken!
- b. \*Chicken are killing.
- c. \*I saw chicken kill quickly.
- d. \*John forced the bureaucrats to bribe easily.
- e. \*What the chicken did was to kill easily.

O que defendo neste trabalho é que as propriedades dessas construções são derivadas sintaticamente.

Chomsky (1995) propõe para as construções transitivas uma estrutura sintática em que o sintagma verbal é composto de duas camadas. A mais baixa teria como núcleo o verbo principal e a mais alta hospedaria o verbo leve ( $v$ ). O Sistema  $vP$  seria o responsável pela checagem do papel- $\theta$  externo e pela valoração do traço de Caso do argumento interno como acusativo.

A ausência da projeção de  $vP$  resulta na formação de um predicado em que não há atribuição de papel- $\theta$  externo nem valoração do traço de Caso do argumento interno como acusativo. Nesta situação, para que a derivação venha a convergir, o DP tem que se mover para o especificador de T para que o seu traço de Caso seja valorado. O T valora o traço de Caso do DP como nominativo.

Na perspectiva da Morfologia Distribuída, Harley (2005) sugere que não seria o verbo leve (que seria de diferentes tipos<sup>8</sup>), mas os núcleos Voice e F os constituintes responsáveis pela projeção do argumento externo e pela valoração do traço de Caso do argumento interno como acusativo, respectivamente. Neste trabalho, proponho uma análise para as CMs como estruturas que selecionam um verbo leve do tipo  $v_{DO/CAUSE}^0$  e em que os núcleos Voice e F não são projetados. Devido a ausência desses núcleos, não é projetada uma posição para o argumento externo e o sistema verbal torna-se incapaz de valorar o traço de Caso do argumento interno. Nessa configuração, o núcleo T não encontra outro DP apropriado para a checagem de seus traços não-interpretáveis que não o DP argumento interno, que também valora o seu traço de Caso como nominativo nessa operação. Esse DP é movido para o especificador de T e a ordem da CM é obtida.

A ausência de Voice explica a inaceitabilidade de sentenças como (17). Como não é projetado um argumento externo, sentenças como (17b) e (17c) não são bem formadas porque as categorias vazias na

<sup>8</sup> A especificação de conjunto de traços que compõem os diferentes tipos de verbo leve apresentada por Harley (2006) é a seguinte:

- a.  $v_{CAUSE}$ : [+dinâmico], [+mudança de estado], [+causa]
- b.  $v_{BECOME}$ : [+dinâmico], [+mudança de estado], [-causa]
- c.  $v_{DO}$ : [+dinâmico], [-mudança de estado], [-causa]
- d.  $v_{BE}$ : [-dinâmico], [-mudança de estado], [-causa]

posição de sujeito da oração infinitiva e da mini-orção não encontram na oração matriz um antecedente que as identifique.

A agramaticalidade das sentenças em (18) também pode ser explicada pela ausência da projeção VoiceP: uma vez que não está disponível uma posição sintática para o argumento externo, essas sentenças se tornam inviáveis com tempos verbais e estruturas que pressupõem ação voluntária ou causalidade.

Como a hipótese que norteia esse trabalho é que a oração encaixada das TCs é gerada basicamente por meio dos mesmos passos derivacionais que formam as sentenças médias, a expectativa é que essas construções apresentem muitas das propriedades sintáticas e semânticas que caracterizam as CMs. É isso que procurarei mostrar nas seções seguintes.

## 4.2 Propriedades semânticas

É relevante observar que as propriedades semânticas das TCs trazem argumentos favoráveis para a hipótese apresentada.

Tomemos como parâmetro as sentenças em (19a) e (20a) – TCs – e (19b) e (20b) – CMs.

- (19) a. John<sub>i</sub> is easy to bribe e<sub>i</sub>.  
 b. John bribes easily.

- (20) a. A receita de brigadeiro<sub>i</sub> é fácil de preparar e<sub>i</sub>.  
 b. A receita de brigadeiro<sub>i</sub> prepara facilmente e<sub>i</sub>.

### 4.2.1 Interpretação arbitrária do sujeito encaixado

Inicialmente, é possível constatar que o predicado encaixado das TCs, assim como o das CMs, apresenta sujeito lógico de referência arbitrária.

Nos exemplos em (19a) e (20a), o sujeito semântico da oração

encaixada tem interpretação arbitrária. A leitura que se faz é a que John é fácil de ser subornado e a receita de brigadeiro é fácil de ser preparada por qualquer pessoa.

Da mesma forma, em (19b) e (20b), os sujeitos das ações de subornar *bribe* e preparar têm referência arbitrária: *John* é subornado e a receita de brigadeiro é preparada facilmente por qualquer pessoa.

#### 4.2.2 Leitura estativa

As CMs do inglês apresentam-se como predicados estativos. Sendo estativas, tais sentenças expressam uma propriedade do sujeito tema e não exprimem eventos específicos com localização pontual no tempo. Por exemplo, CMs não são compatíveis com o tempo progressivo. Se a comparação entre as TCs e as CMs se mantém, a expectativa é que não sejam admitidas construções com predicado *tough* como (21). Tal previsão é confirmada pelo julgamento de falantes nativos. Essas sentenças são consideradas, no mínimo, marginais.

- (21) a. \*/?Peter is being easy to praise every day.  
 b. \*That book is being tough to read.

Além da incompatibilidade com o tempo progressivo, o caráter estativo das TCs pode ser percebido pela impossibilidade de se derivar esse tipo de construção como complemento de verbos de percepção. Tal restrição é observada por Ackema e Schoorlemmer (2006, p. 12).

- (22) a. \*I witnessed these trees being hard to cut down.  
 b. ??/\*Jane saw these trees being hard to cut down.

#### 4.3 Propriedades sintáticas

Como foi visto até este ponto, as propriedades semânticas das TCs I têm favorecido a hipótese defendida neste trabalho de que essas construções, assim como as CMs, são derivadas do movimento-A



do argumento interno para SpecTP devido à ausência dos núcleos responsáveis pela projeção do argumento externo e pela valoração do traço de Caso do argumento interno como acusativo.

Nas seções seguintes, serão analisadas algumas propriedades sintáticas dessas construções, numa tentativa de encontrar mais elementos que corroborem os argumentos até então apresentados.

#### **4.4 Transitividade**

Um dos argumentos que fundamentam a hipótese delineada acima é o fato de os verbos envolvidos nas TCs, assim como nas CMs, serem transitivos. Mais do que isso, esses verbos, em estruturas transitivas, devem selecionar dois argumentos – um interno e outro externo. Comparem-se os exemplos em (23) com os exemplos em (24) e (25).

- (23) a. John painted this wall.  
b. This wall paints easily.  
c. This wall is easy to paint.

- (24) a. John arrived many years ago.  
b. \*John arrives easily.  
c. \*John is tough to arrive.

- (25) a. John gave presents to the orphans at Christmas.  
b. \*Presents give to the orphans at Christmas.  
c. \*Presents are easy to give to orphans.

A agramaticalidade de (24c) e (25c) mostra que essas construções não são compatíveis com verbos inacusativos (24) ou bitransitivos (25).

#### **4.5 O Caso do DP**

Uma outra propriedade das TCs (26) é o fato de o DP que funciona como objeto lógico do verbo da oração encaixada ocupar a

posição de sujeito sintático, da mesma forma como acontece com as CMs (27).

- (26) a. Chickens are easy to kill.  
b. This car is difficult to drive.

- (27) a. This car drives nicely.  
b. These chickens kill easily.

Assim como nas CMs, na oração encaixada das TCs, o DP com papel- $\theta$  agente não é projetado e o sistema verbal não valora o traço de Caso do argumento interno como acusativo. Deste modo, para que o núcleo de TP da matriz tenha seus traços- $\phi$  checados e o argumento interno tenha o seu traço de Caso valorado, T localiza o DP como um elemento com traços formais compatíveis e checa seus traços não-interpretáveis. Com esta operação, o traço de Caso do DP é valorado como nominativo (cf. contraste entre (28b) e (28c) e entre (29b) e (29c)). Como T apresenta o traço forte EPP, esse núcleo atrai o DP para a posição de especificador.

- (28) a. Peter is tough to tease.  
b. He is tough to tease.  
c. \* Him is tough to tease.

- (29) a. Chickens are easy to kill.  
b. They are easy to kill.  
c. \* Them are easy to kill.

## 5 Construções tough como construções de reestruturação

Wurmbrand (2001, 2003), com base em dados do alemão, apresenta uma proposta de análise para as orações infinitivas (de alçamento e de controle) segundo a qual, esses predicados não representariam uma única estrutura, mas diversas estruturas sintática e semanticamente diferentes. A partir dessas diferenças, é proposta a divisão das construções infinitivas em infinitivas de reestruturação (*Restructuring infinitives* – RI) e infinitivas de não-reestruturação (*Non-*

*restructuring infinitives* – NRI). O principal fator que norteia a autora na classificação dessas estruturas está relacionado ao tipo de categoria que o núcleo da matriz seleciona.

As RIs teriam como complemento um constituinte menor – um VP – não projetando uma posição de Caso estrutural, ao passo que as NRIs teriam um *v*P, TP ou CP como complemento e projetariam a posição de Caso estrutural. Com tal configuração, as RIs licenciariam movimento longo do objeto (30) enquanto as NRIs não licenciariam tal movimento (31)<sup>9</sup>.

(30) dass der Traktor zu reparieren versucht wurde  
 that the tractor-NOM to repair tried was  
 ‘that they tried to repair the tractor’

(31) a. \*dass der Traktor zu reparieren geplant wurde  
 that the tractor-NOM to repair planned was  
 ‘that they planned to repair the tractor’  
 b. \*dass der Traktor zu reparieren beschlossen wurde  
 that the tractor-NOM to repair decided was  
 ‘that they decided to repair the tractor’

Verbos proposicionais (*declare* “declarar”, *pretend* “fingir” etc.) e factivos (*regret* “lamentar”, *forget* “esquecer” etc.) seriam exemplos de núcleos de oração matriz de NRIs. Verbos modais (*can* “poder”, *must* “dever” etc.), de alçamento (*seem* “parecer”), aspectuais (*start* “começar”, *finish* “terminar”) e de movimento (*go* “ir”, *come* “vir” etc.) seriam alguns dos núcleos de construções de reestruturação funcionais (*Functional Restructuring* – FR) enquanto verbos como *promise* “prometer” e *permit* “permitir”, *manage* “conseguir”, *forget* “esquecer” e *avoid* “evitar” seriam exemplos de núcleos de construções de reestruturação lexicais (*Lexical Restructuring* – LR). A diferença entre esses dois tipos de construções de reestruturação é que nas FRs, as propriedades temáticas seriam determinadas apenas no predicado encaixado ao passo que nas LRs, o núcleo da oração principal possuiria propriedades temáticas.

Wurmbrand esclarece que nas RIs, devido à ausência do *v*P, o

<sup>9</sup> Exemplo extraído de Wurmbrand (2001, p. 267).

objeto da oração infinitiva move-se para uma posição mais alta na oração onde possa ter seu traço de Caso checado. Se o predicado da oração mais alta é passivo ou inacusativo, o DP não encontrará outro núcleo apropriado para a valoração de seu traço de Caso senão o T da matriz. Neste contexto, o DP valora seu traço de Caso como nominativo junto a T e ocupa a posição de sujeito sintático. Veja-se a concordância que se estabelece entre o DP e o verbo da oração matriz (32)<sup>10</sup>.

- (32) a. weil diese Pilze nicht zu essen sind/\*ist  
 since these mushrooms-NOM not to eat are/\*is  
 ‘since these mushrooms cannot be eaten’  
 b. weil der Zaun bis morgen zu reparieren ist  
 since the fence-NOM by tomorrow to repair is  
 ‘since the fence can be repaired tomorrow’

Ademais, Wurmbrand mostra que, nas RIs, a ausência do *v*P resulta no não licenciamento de um sujeito sintático no predicado encaixado. A ausência de *v*P seria responsável não apenas pela incompatibilidade com DPs lexicais, mas também de PRO como sujeito da encaixada. Tal aspecto sintático é confirmado pela autora ao mostrar a agramaticalidade de (33)<sup>11</sup>, que apresenta uma anáfora na oração encaixada que deveria ser ligada localmente a um objeto sintático na posição de sujeito para que fosse licenciada.

- (33) \*weil {sich} der Fisch {sich} vorzustellen versucht wurde.  
 since {self} the fish-NOM {self} to-imagine tried was  
 ‘since someone tried to recall the image of the fish’

Além da ausência da posição de Caso estrutural e da posição sintática do objeto, Wurmbrand ainda observa que as RIs exibem outras propriedades associadas ao fato de a oração complemento constituir um VP. Ela mostra, por exemplo, que nessas construções a especificação de tempo da oração encaixada é dependente da matriz (34) e que a oração

<sup>10</sup> Exemplo extraído de Wurmbrand (2001, p. 30).

<sup>11</sup> Exemplo extraído de Wurmbrand (2001, p. 15).

encaixada não admite negação sentencial (35)<sup>12</sup>.

- (34) Hans wagte (\*morgen) einen Brief zu schreiben.  
 Hans dared tomorrow a letter to write  
 \*‘Hans dared to write a letter tomorrow’

- (35) \* ... weil der Kuchen nicht zu essen versucht wurde.  
 ... since the cake not to eat tried was  
 \*‘...since the cake was tried not to eat’

A combinação dessas propriedades leva Wurmbrand a concluir que as RIs são estruturas mono-clausais que envolvem apenas um conjunto de traços funcionais: aqueles pertencentes à oração matriz.

A co-interpretação que se verifica entre a categoria vazia pós-verbal e o sujeito da oração matriz e o fato de o adjetivo presente na cláusula matriz subcategorizar um *v*P parecem indicar que a oração completiva das TCs é uma oração infinitiva de reestruturação.

Inicialmente, veja-se que são semelhantes às condições de licenciamento da categoria vazia originada do movimento do DP que se vê nas construções de reestruturação analisadas por Wurmbrand e nas TCs.

Nas TCs (37), (38) e (39), assim como nas construções de reestruturação (36), o movimento do DP é motivado pela necessidade do DP de ter o seu traço de Caso valorado. Em ambas as estruturas, o DP se move para o especificador do T finito.

- (36) a. weil diese Pilze nicht zu essen sind/\*ist  
 since these fence-NOM not to eat are/\*is  
 ‘since these mushrooms cannot be eaten’  
 b. weil der Zaun bis morgen zu reparieren ist  
 since the fence-NOM by tomorrow to repair is  
 ‘since the fence can be repaired tomorrow’
- (37) a. John<sub>i</sub> is tough to please  $e_i$ .  
 b. He<sub>i</sub> is tough to please  $e_i$ .  
 c. \*Him<sub>i</sub> is tough to please  $e_i$ .

<sup>12</sup> Exemplos extraídos de Wurmbrand (2001, p. 79 e p. 118).

- 38) a. Jane<sub>i</sub> is hard to convince  $e_i$ .  
 b. She<sub>i</sub> is hard to convince  $e_i$ .  
 c. \*Her<sub>i</sub> is hard to convince  $e_i$ .
- (39) a. Bureaucrats<sub>i</sub> are easy to bribe  $e_i$ .  
 b. They<sub>i</sub> are easy to bribe  $e_i$ .  
 c. \*Them<sub>i</sub> are easy to bribe  $e_i$ .

A gramaticalidade das sentenças em (37b), (38b) e (39b), em contraste com a agramaticalidade das sentenças em (37c), (38c) e (39c), como já mostrado em seções anteriores, indica que os DPs *John*, *Jane* e *Bureaucrats* estão no SpecTP, posição em que têm o traço de Caso valorado como nominativo.

Além disso, a oração encaixada das TCs não admite negação sentencial (40) e a especificação de tempo da oração encaixada dessas construções demonstra ser dependente do tempo da oração matriz (41)<sup>13</sup>.

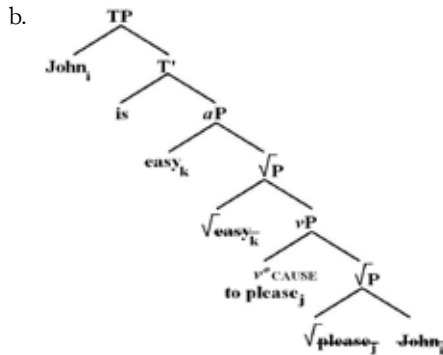
- (40) a. \*? Bill is tough not to praise.  
 b. \*\* Students are always hard not to convince.
- (41) a. \*\* Today, Bill is tough to convince tomorrow.  
 b. \* These bureaucrats are tough to bribe by the next election.

## 6 A estrutura das construções *tough* simples

Conforme discutido na seção anterior, TCs como (42a) podem ser analisadas como sentenças que têm subjacente uma construção de reestruturação. Desta forma, a oração infinitiva subcategorizada pelo predicado *tough* seria desprovida de projeções funcionais (FP, VoiceP, TP ou CP), sendo então representada por um *v*P. A representação sintática apresentada para esse tipo de sentença com predicado *tough* é ilustrada em (42b).

- (42) a. John is easy to please.

<sup>13</sup> Exemplos submetidos a julgamento de falante nativo.



Com a ausência desses núcleos funcionais, a oração encaixada desse tipo de TC representa um *v*P (nos temos propostos por HARLEY (op. cit.)). Sendo essa estrutura mono-clausal, ficam explicados a dependência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz e o não licenciamento de negação sentencial da oração encaixada. A carência de VoiceP e FP, que resulta na incapacidade da estrutura de projetar um argumento externo e valorar o traço do argumento interno como acusativo, também explica a não-aceitação desse tipo de TC com adjunção de orações infinitivas de finalidade e de advérbios voltados para o agente.

## 7 Conclusão

Foi mostrado que sentenças como (43) e (44) possuem subjacentes estruturas sintáticas diferentes do que tange ao complemento infinitivo do predicado *tough*. Sentenças como (43) apresentam um complemento oracional que representa o VP, enquanto a oração completiva de sentenças como (44) pode se apresentar como um TP ou um CP.

(43) a. John is easy to convince.

b. The problem was tough to deal with.

(44) a. John is easy to convince Bill that he should meet.

b. John is easy to convince Bill to do business with.

Nessa perspectiva, foram trazidas evidências de que as TCs I

têm na sua base uma construção de reestruturação. Isto significa que a oração infinitiva subcategorizada pelo predicado *tough* dessas sentenças é desprovida de projeções funcionais (FP, VoiceP, TP ou CP), sendo então representada por um  $\nu$ P cujo núcleo seria do tipo  $\nu^0_{DO/CAUSE}$ .

A ausência dos sintagmas FP e VoiceP explicaria a falta de uma posição de Caso acusativo estrutural e de uma posição para o argumento externo, o que justificaria as semelhanças entre as TCs I e as CMs do inglês, sentenças em que o Caso do objeto direto do verbo não é valorado como acusativo nem o papel- $\theta$  externo é projetado.

Essa análise para as TCs I, baseada na ausência do núcleo Voice e F, consegue explicar as propriedades dessas sentenças no que diz respeito à relação temática que se verifica entre o verbo da oração encaixada e o DP sujeito da matriz e à referência arbitrária do agente da ação expressa pelo verbo: uma vez que F não é projetado, não é disponibilizado um núcleo capaz de valorar o traço de Caso do argumento interno como acusativo e, na ausência de Voice, não há uma posição para o argumento externo. Com isto, o núcleo T entra em relação de checagem com o DP pós-verbal, que se move para a posição de especificador desse núcleo e a interpretação do agente é arbitrária.

Nessa perspectiva, nas TCs I apenas se verifica uma relação temática entre o verbo encaixado e o DP que, no final da derivação, se encontra na posição sintática de sujeito. A posição vazia pós-verbal seria, pois, uma cópia apagada derivada do movimento argumental do DP para o especificador de T da matriz. No que diz respeito à lacuna pré-verbal, foi constatado que essa posição não é sequer projetada semântica ou sintaticamente.

Sendo esse complemento oracional um  $\nu$ P, justifica-se também o caráter mono-clausal das TCs I. Daí resultam a impossibilidade de negação exclusiva da oração encaixada e a dependência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz.

Quanto às TCs do tipo II, foi mostrado que essas sentenças apresentam restrições bastante diferentes das TCs I. Essas estruturas admitem preenchimento da posição pós-verbal, apresentam independência



temporal da oração encaixada em relação à oração matriz e permitem adjunção de advérbios voltados para o agente.

Para essas TCs mais complexas, foi adotada a análise sintática apresentada por Hornstein (2001) segundo a qual, a lacuna pós-verbal é gerada pelo movimento A-barrado do argumento interno em direção primeiro ao SpecCP da encaixada. O alçamento do argumento interno para seria motivado pela presença de um traço A'/WH do DP, conforme sugere Hornstein. Na derivação desse tipo de TC estaria também envolvido um movimento lateral do DP da oração encaixada para se conectar ao adjetivo e um último movimento deste DP para a posição de sujeito sintático da matriz, onde teria seu traço de Caso valorado como nominativo.

Assim, percebem-se duas instâncias de checagem de papel- $\theta$ : a primeira entre o DP argumento interno do verbo encaixado e o núcleo que o seleciona e a segunda entre esse DP e o predicado *tough*. A categoria vazia na posição pós-verbal se apresenta como um vestígio de movimento-wh; e a posição vazia de sujeito é ocupada por um PRO de referência arbitrária.

## REFERÊNCIAS

- ACKEMA, P.; SCHOORLEMMER, M. M. In: EVERAERT, M.; RIEMSDIJK, H. (eds.). **The Blackwell companion to syntax vol. III**. Oxford: Basil Blackwell, 2005. p. 131-203.
- ANDERSON, D. **The Acquisition of Tough-Movement in English**. Doctoral dissertation - University of Cambridge, Cambridge, 2005.
- AUTHIER, M.; REED, L. Tough-Movement and Nominalized Infinitives in French. **Mid-America Linguistic Conference**. The Pennsylvania State University, 2007.
- BOŠKOVIĆ, Ž. **The syntax of nonfinite complementation: An economy approach**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.
- BAYER, S. Tough movement as function composition. In: **The Proceedings**

of the Ninth West Coast Conference on Formal Linguistics. Stanford, CA: Stanford Linguistics Association, 1990. p. 29-42.

CHOMSKY, N. On wh-movement. In: CULICOVER, P. (ed.). **Formal syntax**. New York: Academic Press. p. 71-132, 1977.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Some concepts and consequences of the theory of government and binding**. Cambridge: MIT Press, 1982.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995. p. 81-155.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R; MICHAELS, D; URIAGEREKA, J. (eds). **Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**. MIT Press, Cambridge, 2000.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K; KEYSER, S. **The View from Building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARLEY H. Syntactic event structure and nominalizations. **QP structure, Nominalizations, and the role of DP**. University of Arizona, December 17, 2005.

HORNSTEIN, N. **Move! a minimalist theory of construal**. Oxford: Blackwell, 2001.

HICKS, G. **“So Easy to Look at, So Hard to Define”: Tough Movement in the Minimalist Framework**. M.A. thesis - University of York, 2003.

LASNIK, H. & URIAGEREKA, Juan. **A Course in GB Syntax: Lectures on Binding and Empty Categories**. Cambridge: MIT Press, 1988.

MARTIN, R. *A minimalist theory of PRO and control*. Doctoral dissertation. University of Connecticut, 1996.

NANNI, D. L. On the surface **syntax** of constructions with easy-type adjectives. **Language**, n. 56, p. 568-81, 1980.

NUNES, J. Sideward movement. **Linguistic Inquiry**, n. 32, p. 303-344, 2001.

NUNES, J. **Linearization of Chains and Sideward Movement**. Cambridge: MIT Press, 2004.

ROBERTS, Ian. **The Representation of Implicit and Dethematized Subjects**. Linguistic Models Series. Dordrecht.: Foris, 1987.

ROBERTS, Ian. **The copy theory of movement and linearization of chains in the Minimalist Program**. Doctoral dissertation - University of Maryland, College Park, 1995.

WURMBRAND, S. **Infinitives: restructuring and clause structure**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.

WURMBRAND, S. Syntactic vs. post-syntactic movement. In: **Proceedings of the 2003 Annual Meeting of the Canadian Linguistic Association**. CLA, Université du Québec à Montréal, 2003. p. 284-295.

*Recebido em 12/07/2010.*

*Aprovado em 30/08/2010.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Irenilza Oliveira e Oliveira** é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2009). Atualmente é Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sintaxe, atuando principalmente na área de sintaxe gerativa do português brasileiro. Participa do projeto Temático da FAPESP "Sintaxe Gerativa do Português Brasileiro na Entrada do Século XXI: Minimalismo e Interfaces", coordenado por Jairo Nunes. E-mail: ioliveira@uneb.br